

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME DOIS

Farol, Joaquim Paulo Nogueira
Os Nomes Que Faltam, Carlos Alberto Machado
O Parque dos Piqueniques, José Mora Ramos
Stormy Weather, Marcela Costa
O Violino do Avô Africano, Helena Miranda

6

cadernos **Dramat**





Ministério da Cultura



DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCE

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Farol

Joaquim Paulo Nogueira

Os Nomes Que Faltam

Carlos Alberto Machado

O Parque dos Piqueniques

José Mora Ramos

Stormy Weather

Marcela Costa

O Violino do Avô Africano

Helena Miranda

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Título: *Dramaturgias Emergentes II*
© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-015-9

Índice

Advertência Preliminar, <i>Antônio Mercado</i>	p. 7
Farol, <i>Joaquim Paulo Nogueira</i>	11
Os Nomes Que Faltam, <i>Carlos Alberto Machado</i>	61
O Parque dos Piqueniques, <i>José Mora Ramos</i>	105
Stormy Weather, <i>Marcela Costa</i>	153
O Violino do Avô Africano, <i>Helena Miranda</i>	167

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que pensem hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum secreto poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

JOSÉ MORA RAMOS

Farsa trágica em cinco andamentos sobre o futuro que já é

PERSONAGENS

O PAI, DR. MAURÍCIO DE SOUZA, 50 anos, jogador na bolsa de acções

A MÃE, CARLA DE SOUZA, 45 anos, espectadora de televisão

A FILHA, CRISTINA DE SOUZA, 22 anos, amante do sol

O FILHO, MIGUEL DE SOUZA, 19 anos, maníaco da Internet

A TIA QUE FICOU PARA TIA, CLARA DE SOUZA, 48 anos, devota de Santa Maria
Madalena

CARLOS, O SEGURANÇA DA FAMÍLIA DE SOUZA, 28 anos

GENY, A CADELA DA FAMÍLIA DE SOUZA, 4 anos

GABRIEL, O NEGRO QUE CAIU DO CÉU, 30 anos

LUÍS PEDRO, O RAPAZ DA 3Q, A EMPRESA DE DISTRIBUIÇÃO DE REFEIÇÕES, 25 anos

PEDRO LUÍS, O RAPAZ DA 3R, A EMPRESA DE ANIMAÇÃO DOS TÚNEIS, 25 anos

Os papéis de Luís Pedro e de Pedro Luís devem ser desempenhados pelo mesmo actor.

As indicações cénicas devem apenas como tal ser entendidas.

As cenas 2 (A cidade) e 4 (O regresso) podem, a critério do encenador, ser parcialmente feitas em filme.

Cena 1 — Os preparativos

Pátio interior, empedrado, de condomínio privado. Ao fundo, um muro encimado por uma cerca de arame farpado, electrificada. À esquerda, interrompendo o muro, o portão de aço reforçado que dá acesso ao exterior. Também à esquerda, a casa dos seguranças, com duas portas e uma pequena janela gradeada. À direita, sólido, o condomínio, com a sua porta reforçada a aço, de acesso aos apartamentos. À frente da casa dos seguranças, o pequeno carro de cidade, género desportivo, descapotável, do senhor De Souza. Próximo do portão, a casota de Geny, com uma pequena porta gradeada. Sete horas da manhã. À luz do amanhecer a cerca electrificada solta faíscas. O rádio-despertador, emitindo o sinal horário, toca, forte, na casa dos seguranças. Geny movimenta-se na sua casota, dá um curto latido.

A RADIO São sete horas da manhã desta quarta-feira, 22 de Julho, que promete muito sol e muito calor. De imediato as principais notícias do dia. Cientistas da comunidade afirmam ter identificado, na estratosfera, sobre o Pacífico, uma densa bruma que...

No seu quarto, Carlos, o segurança da família De Souza, desliga o despertador e acende a luz, perceptível pela janela entreaberta por detrás da grade. Abre a porta, sai em pijama para o pátio, espreguiça-se, entra na porta ao lado, fecha-a, urina e puxa o autoclismo. Ao mesmo tempo Geny levanta-se, abre a pequena porta da sua casota e vai urinar junto ao pneu traseiro do lado direito do automóvel. Carlos volta ao pátio, desliga a electrificação da cerca, enquanto abotoa a braguilha.

CARLOS, O SEGURANÇA DA FAMÍLIA DE SOUZA (*Brincando com Geny*) Geny, Geny, Geny, ... estás preparada, pronta para um grande dia? (*Alegre*) Vais sair. Sair, Geny. Há muito que não atravessas aquele portão, que não pões as patas lá fora. Hoje vais ver ruas, outras pessoas,... talvez mesmo cães. É verdade que é só de longe. (*Volta a entrar na casa dos seguranças, continuando, lá de dentro, a falar para Geny*) Cães, Geny. Quem sabe arranjas um namorado. Namoras primeiro durante a viagem pelas ruas, através da janela do automóvel, depois no parque, através da cerca,... (*aparece à porta, brincalhão*) namoro à distância Geny,... melhor que nada. (*Abre os braços e inspira fortemente o ar da manhã, enquanto acaba de se fardar*) Tenho uma namorada nova Geny, muito bonita. É namoro recente, ainda não deu para te contar. Chama-se Maria de Fátima, diabo de nome ham Geny, conheci-a há... cinco dias, não, uma semana, uma semana de namoro. Qualquer dia apresento-vos. (*Sai para o pátio*) Geny, esta é a Maria, não, a Fátima, a minha companheira de algumas noites. Olha, ainda não sei se vai ser Maria, ou se vai ser Fátima. (*Como quem experimenta*) Fátima,... não é feio pois não? Fátima, esta é a Geny, a minha companheira das outras noites. Belo emprego este, dá para ficar umas noites com uma, outras noites com outra. E estão as duas de acordo. O sonho de q...

CARLA DE SOUZA, A MÃE (*Falando de fora de cena*) Carlos, (*a mãe, com um fino roupão por cima da camisa de noite, aparece à porta do condomínio, transportando uma enorme televisão que entrega a Carlos*) arrume a televisão na mala do carro.

CARLOS Bom dia, Dona Carla. Talvez fosse melhor juntar primeiro a bagagem toda.

CARLA A televisão é para arrumar já, no fundo da mala. O Dr. Souza pede o favor de limpar o carro.

CARLOS (*Enquanto coloca a televisão na mala do carro*) Já o lavei, Dona Carla. Quando...

CARLA (*Interrompendo*) Por dentro Carlos, por dentro. Limpe o carro por dentro. Sabe muito bem que o senhor doutor tem o péssimo hábito de fumar no carro. Veja se os cinzeiros estão limpos. Tem aqui as chaves. E ponha os espelhos a brilhar. Já que temos a chatice de ir ao parque ao menos vamos de cara lavada. (*Reparando no pneu próximo do qual a cadela urinou*) Não sei se já reparou que a Geny fez chichi aqui no chão e salpicou este pneu. E veja se o carro tem o depósito cheio, não quero parar no caminho para meter gasolina. (*Volta a entrar no condomínio. Falando de dentro*) E quando acabar vá lá acima para começar a trazer as coisas.

CARLOS (*Para Geny*) Segurança, motorista, carregador, abrlhantador de espelhos, lavador de chichi de cadelas... (*Abre as portas do carro uma a uma, liga o rádio do carro, muda sucessivamente de estação, ouvindo-se fragmentos de notícias e de músicas, entre estas "Soul Rebel" de Bob Marley, até que se ouve "Tristeza", na versão de Baden Powell, que selecciona e acompanha trauteando a música*)

A RÁDIO ...selho europeu será uma opor... líder da formação... candidato ganhador das eleições dire...

Carlos dirige-se à casa de banho. Ouve-se correr água.

A RÁDIO Interrompemos a emissão para retomar a estranha notícia de abertura dos nossos noticiários. Cientistas da comunidade afirmaram hoje ter identificado, na estratosfera, sobre o Oceano Pacífico, uma densa bruma de origem desconhecida que afecta as comunicações do tráfego aéreo na zona, tendo já provocado vários acidentes. As companhias aéreas estão a desviar todos os aviões da zona. Voltaremos em breve com novas informações.

Geny ladra como que numa tentativa de chamar a atenção de Carlos para a notícia. Na rádio regressa "Tristeza", a que se seguirão outros temas instrumentais até nova interrupção. Carlos regressa ao pátio com um balde, uma esfregona e uma grande escova.

CARLOS Para a próxima vê se mijas no pneu antes de eu lavar o carro, ou então mijá no da frente, daquele lado, onde ela não veja, ou melhor, mijá debaixo do carro. (*Lava o chichi da Geny, entra no carro e começa a escovar o banco detrás. Fala para o carro*) São mais as vezes que te lavo que aquelas que saís à rua.

A filha, em camisa de noite curta e muito decotada, aparece à porta do condomínio.

A FILHA, CRISTINA DE SOUZA (*Aproxima-se de Carlos dançando ao ritmo da música. Geny salta puxando-lhe a roupa*) Está quieta Geny, senão ainda me despes toda. Bom dia, Carlos.

CARLOS (*Falando de dentro do carro*) Bom dia menina Cristina.

CRISTINA A mãe disse-me que vem connosco ao Parque dos Piqueniques.

CARLOS Vou sim menina Cristina e a Geny também, mas podiam ir sem mim, o parque tem segurança. (*Carlos passa para o banco da frente*)

CRISTINA Eu gosto que o Carlos venha. Está quieta Geny, senão ainda fico toda nua, aqui mesmo à frente do Carlos.

O filho, já pronto para sair, calções por baixo dos joelhos, boné de rede com as cores da bandeira, aparece pela porta do condomínio, computador portátil na mão. Senta-se no banco de trás do carro, liga o computador, que arranca com o som característico, amplificado, e inicia um jogo qualquer.

CRISTINA Acha que vai fazer muito sol todo o dia? Quero aproveitar para me bronzear. Estou tão pálida. Fico muito bonita quando estou bronzada, toda bronzada, não acha, Carlos?

CARLOS Acho sim, menina Cristina.

CRISTINA Acha mesmo, Carlos?

O FILHO, MIGUEL DE SOUZA (*Sem deixar de olhar para o computador*) Carlos, sabes se vamos demorar muito no Parque dos Piqueniques?

CARLOS O teu pai diz que só voltamos lá para o fim da tarde.

MIGUEL (*Sempre sem largar o computador*) Mas a bateria do computador só dá para três horas. E naquela porcária de parque não há electricidade.

CRISTINA Vou buscar a minha lâmpada de bronzear.

CARLOS Vai estar um belo dia de sol. Não precisa da lâmpada. E no parque não há electricidade.